

Líder comunitário reclama de valas na entrada da invasão

Um campo de prisioneiros. Assim o líder comunitário da Invasão do Lixão, João Joaquim Batista, definiu a medida mais recente da Administração do Guará para evitar novos invasores.

Depois da instalação de um posto de vigilância na invasão que funciona 24 horas todos os dias da semana, a administração abriu valas de um metro e meio de largura por um e meio de profundidade em dez dos 14 acessos à beira da Via Estrutural.

“Não deixam as pessoas passarem com seus pertences, móveis e utensílios domésticos. Não é essa a forma de se limitar uma invasão”, reclama João Batista.

“Foi uma maneira encontrada pelo governo de não deixar ninguém mais entrar. Só que ninguém mais sai também. Somos prisioneiros”, revolta-se Francisco Lima, da Associação dos Moradores Novos do Lixão.

Direito — O chefe de fiscalização da administração, Valdo José Dionísio — que não é bem visto pelos invasores — confirma a proibição. “Não permitimos a entrada com materiais de construção nem móveis, mas o direito de ir e vir das pessoas é respeitado”, garante.

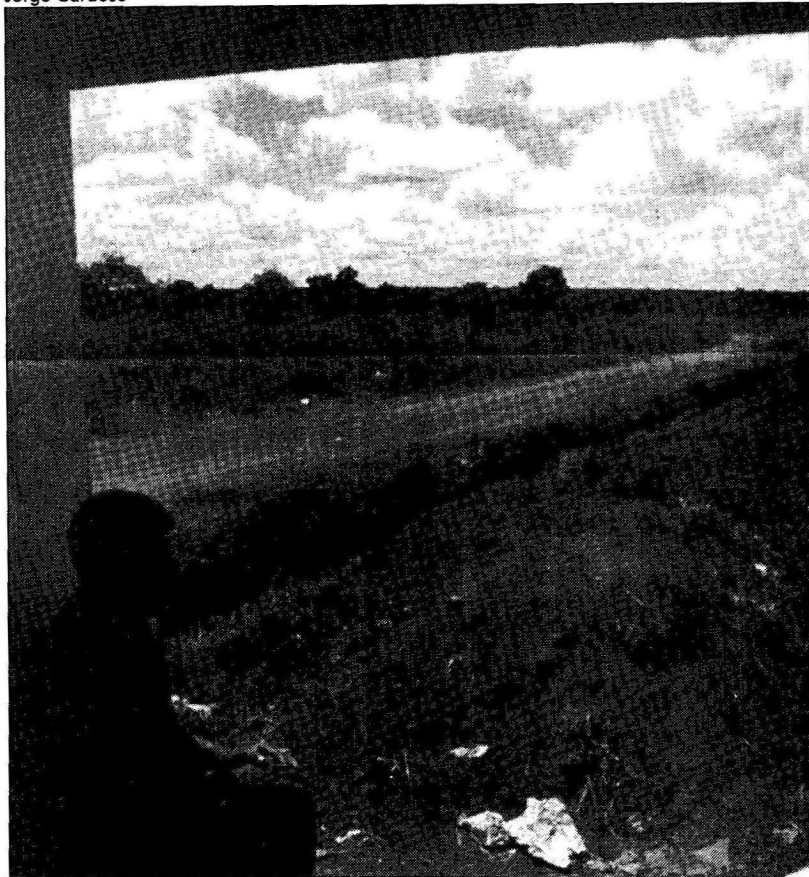
Dionísio informa que, segundo levantamento feito em conjunto com o Centro de Desenvolvimento Social do Guará, apenas 30% dos moradores — cerca de seis mil — são realmente pobres.

“Muitos têm carros e bons empregos. Já encontramos 25 barracos vazios sem moradores e sem qualquer mobília”, relata.

Reação — João Batista tem carro, é dono de uma venda na invasão e usa um telefone celular emprestado, mas garante que não tem condições de pagar aluguel.

Ele reage à acusação de que grande parte dos invasores não são realmente pobres: “Tem especulador em todo lugar, mas nós somos trabalhadores. A polícia não bate na porta dos moradores de condomínios à noite para ver se tem gente.”

Jorge Cardoso



As valas, com um metro e meio de profundidade, dificultam o acesso à invasão

MORADOR FICA SEM ALIMENTOS

Com a abertura das valas, os moradores deixaram de receber valiosa ajuda: as cestas com alimentos e a sopa com pão.

“Não recebemos mais o donativo porque as pessoas desistem de procurar as entradas livres”, reclama a invasora Maria do Socorro Dias Pinheiro, 35 anos.

Ela tem seis filhos e teme também que alguma criança caia nas valas e se machuque. “Lembro do caso de um menino que caiu em um buraco lá em Samambaia e morreu”, conta.

Moradora recente da invasão —

chegou em dezembro —, Maria do Socorro diz que os buracos dificultaram também a saída.

“Desde que cheguei já emagreci vários quilos e não consigo sair para trabalhar — era diarista — porque tenho medo de deixar meus filhos sozinhos. Sobrevivo com ajuda dos vizinhos e com o trabalho de uma filha”, conta.

Ela morava em Samambaia e veio para o Lixão porque não tinha mais condições de pagar aluguel. “Somos carentes mesmo, mas tem muita gente aqui que não precisa, tem carros e emprego bom”, dispara.